14:06 96%



_ SEG _ Ferrando Cabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Joaquim Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal) _ Pedro Zicoi (quinzenal)
_ TER _ Vinicius Pereira _ Pedro Doria _ QUA _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Dahlsita (quinzenal) _ QUI _ Vinicius Pereira _ Malu Gaspar
_ SEX _ Vera Magalhães _ Fábio Oliveira _ Bernardo Mello Franco _ SÁB _ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Cristóbalo _ DOM _ Vinicius Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

PEDRO DORIA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
coluna@pedrodoria.com.br

# Moderados?

Na semana passada, Joel Pinheiro da Fonseca fez uma provocação em sua coluna na Folha de S.Paulo. É possível existir um "bolsonarismo moderado"? Boa parte da repercussão se deu onde costuma ocorrer o debate público hoje: nas redes. Não é um debate sem editor, embora muitos considerem ingenuamente que, nas redes sociais, porque todo mundo publica, todo mundo pode vir a ser lido. Que nada. Há um editor, o algoritmo de inteligência artificial. O caso de como repercutiu a coluna de Joel dá boa mostra de como o algoritmo interfere na conversa que uma sociedade tem sobre o que é de seu interesse.

Mas, antes de tudo, porque também esta coluna pode repercutir nas redes, e porque quem bate boca nas redes mal passa do primeiro parágrafo: não, um bolsonarismo moderado não é possível por definição. É um oximoro, uma contradição em termos. Tendo escrito uma história do Integralismo e, por isso, tendo lido bem mais Plínio Salgado do que é saudável numa vida, dá para afirmar com tranquilidade. O Brasil ideal na cabeça de Jair Bolsonaro é rigorosamente o mesmo ideal de país do líder máximo do movimento fascista brasileiro dos anos 1930.

É só que, por trás do título provocativo de Joel, estava uma outra ideia. Ainda existe uma direita moderada no Brasil? Ou mesmo uma direita que não esteja radicalizada? Porque, se ela existir, hoje ela não tem escolha que não subir no palanque de Bolsonaro. Todo político de direita que se insurgiu contra o bolsonarismo perdeu seus votos. Isso faz com que essa não seja uma conversa fácil. Não tem como ser.

O sociólogo espanhol Manuel Castells chamou seu livro clássico, publicado em 2012, de "Redes de indignação e esperança". Ele já percebia, ali, quanto a indignação — essa complexa mistura de emoção, valores e julgamento moral — marcava as redes sociais. Castells via nesse catalisador de indignações da sociedade a esperança de que, mobilizada, ela pudesse dar foco e levar à transformação. Aconteceu o contrário. Travou todo o diálogo.

Nós lidamos mal com indignação. Porque a ideia de indignação nos parece, sempre, por princípio justa. O indignado busca justiça perante o inaceitável. O que nunca fazemos é pensar na indignação enquanto performance. Não a indignação de quem vê algo que precisa ser urgentemente reparado, mas a indignação daquele que posa de herói para sua tribo.

Não é a primeira vez que será dito aqui, nem a última: as redes sociais premiam indignação. O que o algoritmo seleciona para levar ao maior público possível são mensagens indignadas. A conversa na praça pública passa por um editor controlado por um ente privado, e esse editor esconde quase tudo para fazer bombar apenas a indignação. O truque para viralizar nas redes é estar indignado. E é preciso estar indignado, a cada dia, com uma injustiça nova. Trata-se de uma indignação performática, não verdadeira.

Nenhum ser humano é capaz de se indignar com tanta coisa simultaneamente.

Poucas conversas são mais importantes, no Brasil de hoje, do que esta sobre como trazer a direita de volta ao centro. Pode-se olhar para um político como Ronaldo Caiado, governador de Goiás, e não gostar dele. Mas Caiado é um líder com relevância que representa o Centro-Oeste desde a Constituinte. Quem lhe dá relevância é a população de sua terra, que o reconhece como seu representante. O governador do Paraná, Ratinho Júnior, é bem mais jovem. Ainda assim, tem uma história à parte. Ambos sabem que, caso denunciem o radicalismo de Bolsonaro, perdem a eleição seguinte.

Se o critério para aceitar um político de direita é que denuncie o bolsonarismo em público, o resultado será um só: morrerão politicamente os que rejeitam o movimento e sobrarão só os radicais. Duro encarar a verdade, mas ela segue lá. De pé. Para um político de direita sobreviver, hoje, ele não pode fazer uma denúncia pública.

E essa é uma conversa impossível de ter nas redes sociais. O que o algoritmo selecionará, claro, são os indignados. A turma do "como ousa sugerir?". A democracia está quebrada, e em todo o mundo, porque nos tornamos incapazes de ter conversas difíceis como adultos. Porque as conversas que temos nas redes contaminam tudo, inclusive o que escrevemos nos jornais e revistas, o que falamos no rádio, na TV, em podcasts.

O problema do bolsonarismo, porém, continua lá. Tem metade dos votos em nosso país. E pode voltar à Presidência.

ARTIGO

# Não é bem assim!

RICARDO RODRIGUES CARDOZO

A imprensa brasileira e a sociedade têm criticado o projeto no Senado que visa a valorizar o tempo de serviço da magistratura (VTM), propondo um acréscimo de 5% nos subsídios a cada cinco anos, até um máximo de 35%.

Essas críticas enfocam principalmente o efeito fiscal que a medida pode acarretar. O projeto inicial, destinado à magistratura e ao Ministério Público, expandiu-se para outras carreiras, aumentando a preocupação com o impacto financeiro.

A magistratura é uma carreira de Estado essencial para a manutenção da Justiça independente, e incentivos remuneratórios são fundamentais para atrair e manter profissionais qualificados. A perda de interesse por parte dos candidatos mais capacitados já é uma realidade, com muitos profissionais de Direito optando pelo setor privado, em busca de melhores oportunidades.

Internacionalmente, valoriza-se o tempo de serviço como contribuinte para a maturidade e a experiência necessárias à tomada de decisões judiciais. Estudos, como o de Susanne Burri e Sanne Taekema, destacam como a experiência judicial é essencial para a habilidade de emitir decisões ponderadas, considerando não só a lei, mas o contexto social.

Logo, é sensato valorizar o tempo de serviço. O VTM não deve ser visto como incremento salarial, mas como meio de reter magistrados experientes na carreira, equilibrando o impacto fiscal com economias geradas pela retenção de magistrados.

Críticas ao projeto podem não ser o melhor caminho se o objetivo é garantir uma magistratura independente e capaz. Comparar a remuneração dos magistrados com o salário médio da população brasileira ignora a disparidade socioeconômica e os problemas de políticas públicas. Além disso, a estrutura atual de remuneração na magistratura pode levar a incongruências, como juízes novatos ganhando mais que desembargadores experientes devido a cargos extras.

O VTM é um mecanismo para garantir que magistrados continuem em suas carreiras, evitando aposentadorias prematuras em busca de melhores condições no setor privado. Críticas são válidas quando fundamentadas e construtivas. Uma magistratura eficiente é vital para a democracia, e a discussão deve considerar o longo prazo e o interesse público.

Ricardo Rodrigues Cardozo
é presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

ARTIGO

# A tragédia do RS tem de fortalecer nossa consciência ambiental

HELDER BARBALHO

Ainda há muitos que ouvem os debates sobre temas ambientais como algo abstrato, que nada tem a ver com a vida dos que amamos. Como se fosse uma espécie de religião totalmente distante do "mundo real". Pois, nestes dias, o mundo real nos mandou um recado claro e forte sobre quanto temos de fortalecer nossa consciência ambiental, com as tragédias que atingiram o Rio Grande do Sul e se espraiaram para Santa Catarina.

Como governador do Pará, tenho clareza absoluta dos momentos terríveis que as populações gaúcha e catarinense atravessam. Nossa mais profunda solidariedade aos povos gaúcho e catarinense e nosso irrestrito apoio aos governos dos dois estados.

Meio ambiente não é questão política ou ideológica. É reconhecer que a engenhosidade humana foi capaz de criar muitas tecnologias e avanços importantíssimos, levando a uma compreensão — equivocada — de que o planeta Terra pertencia à espécie humana. Essa onipotência retirou da humanidade a humildade de entender que o homem não é o dono da Terra, mas apenas mais uma das espécies que aqui habitam.

O que nos norteia no Pará é a plena convicção de que a engenhosidade humana, agora, precisa ser colocada à disposição do planeta para impedir nossa destruição. Por isso mesmo, preservar a Amazônia é necessidade para todos que vivemos aqui e para o mundo. No Pará, ainda temos muito o que avançar, mas, graças a uma articulação histórica, estamos colhendo resultados.

***Não existe desastre ambiental de esquerda, de direita ou de centro. Por isso temos todos de nos unir***

No mês de abril de 2024, a área recoberta por alertas de desmatamento no Pará foi 67% menor que em abril de 2023 — é o menor registro de toda a série histórica entre 2019 e 2024, 90% menor que o registrado no mesmo período de 2022. O Pará liderou e reduziu, em abril deste ano, em quase 40% os alertas de desmatamento em toda a área da Amazônia Legal. A redução do desmatamento entre agosto do ano passado e o último abril em toda a Amazônia Legal alcançou 3.291km². O Pará contribuiu com 33% dessa redução, ou 1.074km². A segunda maior contribuição vem do Amazonas, com 23%. A preservação dessa área da Amazônia equivale a mais de 2 mil parques como o Ibirapuera, em São Paulo.

No Pará, lançamos um decreto de emergência ambiental em 15 municípios com garimpos ilegais e desmatamento, e os resultados foram superiores à média do estado — e ainda tiveram o efeito colateral benéfico de uma expressiva redução dos índices de violência.

Sempre me guiei pelo princípio de que a sensatez não tem lado, e a solução dos problemas vem antes de ideologias. É preciso acabar com o falso dilema entre preservação e desenvolvimento. Quanto, afinal, de prejuízos, de perdas, na casa dos bilhões e bilhões foram causados ao Rio Grande do Sul pela catástrofe ambiental? Quanto tempo o povo demorará para se recuperar, fora a perda intangível de vidas?

Será que toda essa tragédia também não serve para fazermos uma profunda reflexão de que cada árvore em pé na floresta viva não é um gasto ou um modismo, mas um investimento que pode evitar catástrofes futuras de proporções inimagináveis?

Felizmente, teremos a COP30 no Pará em 2025, a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas. O Brasil será o palco mundial para debater o presente e o futuro. Minha grande esperança é que possamos desmistificar e tirar esse tema das pautas ideológicas. Não existe tragédia ambiental de esquerda, de direita ou de centro.

Por isso temos todos de nos unir para trabalhar, de forma colaborativa, para construirmos o futuro com soluções baseadas na natureza, na conservação e preservação. Não há outra saída. Enquanto isso, nossas preces, orações e nossos esforços concretos em prol dos povos gaúcho e catarinense.

Helder Barbalho
é governador do Pará